

I Colóquio de Zoologia Cultural

Livro do Evento



8 de setembro de 2016
UNIRIO
Rio de Janeiro



FICHA CATALOGRÁFICA FEITA PELOS ORGANIZADORES

C672i Coelho, Luci Boa Nova, 1960-

I Colóquio de Zoologia Cultural – Livro do Evento / Luci
Boa Nova Coelho, Elidiomar Ribeiro Da-Silva. – Rio de Janeiro:
Perse, 2016.

230 f.

ISBN 978-85-464-0413-1

1. Zoologia. 2. Divulgação Científica. 3. Ensino.

I. Título. II. Autor.

CDD. 590

CDU. 59

Editoração: Luci Boa Nova Coelho



Gato preto não dá azar – Como a cultura pop pode ajudar a quebrar crendices populares

Elidiomar Ribeiro Da-Silva

Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, Departamento de Zoologia, Instituto de Bociências,
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Contato: elidiomar@gmail.com

Resumo

Crendice é uma crença em coisas que a lógica não explica, enquanto que superstição é essa mesma crença quando envolve o medo das consequências. Muitas crendices e superstições envolvem animais, com eles pendendo tanto para o lado da sorte ou do azar. O gato (*Felis silvestris catus* – Carnivora: Felidae) é um caso interessante: se para algumas culturas ele é um símbolo de sorte, para outras ele está associado a maldições, coisa que acontece especialmente com relação aos gatos pretos. A existência de personagens fictícios, queridos pelo público, inspirados em animais de mau agouro pode ser um interessante instrumento no sentido de se desmistificar crendices e superstições.

Palavras-chave: animações; HQs; Zoologia cultural.

Abstract

Black cat, not bad luck - As pop culture can help break popular beliefs.

Crendice is a belief in things that logic does not explain, while superstition is this same belief when it involves the fear of consequences. Many crendices and superstitions involving animals with them both hanging to the side of good or bad luck. The cat (*Felis silvestris catus* - Carnivora: Felidae) is an interesting case: if for some cultures it is a symbol of luck, for others it was associated with curses, something that happens especially in relation to black cats. The existence of fictional characters, loved by the public, inspired by inauspicious animals can be a useful tool in order to demystify beliefs and superstitions.

Keywords: animation; comics; cultural Zoology.

Introdução

A origem das crendices e superstições é tão antiga quanto a própria humanidade. Diante da impossibilidade de entender determinados fenômenos, os antigos buscavam outras explicações para amenizar seus medos, dúvidas e angústias. Determinadas crenças fazem parte, até hoje, da nossa cultura e influenciam fortemente nossa forma de pensar. No Brasil, muitas crendices chegaram com os colonizadores portugueses, foram mescladas às crenças dos indígenas, dos negros escravizados e, posteriormente, dos demais imigrantes que aqui aportaram (FELTRIN, 2016). Crendice é uma crença em coisas que a lógica não explica, enquanto que superstição é essa mesma crença quando envolve o medo das consequências (BARCALA, 2016). Assim, acreditar que um gato preto dá azar, por exemplo, é uma superstição, pois envolve o medo da má sorte (RIBEIRO, 2002).

Muitas crendices e superstições envolvem animais, com eles pendendo tanto para o lado da sorte ou do azar. Dentre aqueles considerados como símbolos positivos estão, por exemplo, o uirapuru (Passeriformes: Pipridae) (MARCELIANO, 1988), as aranhas (Arachnida: Araneae) (ZACARIAS, 2011) e alguns insetos, como libélulas (Odonata) (CORREARD, 2010), esperanças (Orthoptera: Tettigonioidae), borboletas (Lepidoptera: Rhopalocera) (OVERAL *et al.*, 1995) e joaninhas (Coleoptera: Coccinellidae) (GUERREIRO, 2004). Por outro lado, dentre os animais com conotação simbólica negativa estão as corujas (Strigiformes) (SANTOS *et al.*, 2015), os morcegos (Chiroptera), o lobo (*Canis lupus* Linnaeus, 1758 - Carnivora: Canidae) e as mariposas (Lepidoptera) (KNIGHT, 2008).

O gato (*Felis silvestris catus* Linnaeus, 1758 – Carnivora: Felidae) é um caso interessante: se para algumas culturas ele é um símbolo de sorte, como no Japão, na China e no Antigo Egito, para outras ele está associado a maldições, coisa que acontece especialmente com relação aos gatos pretos. O presente trabalho contempla a longa estrada em que bichanos e humanos percorrem juntos, enfatizando a presença do gato preto – a variação cromática mais plena em simbolismos – como inspiração a personagens da cultura pop.

Material e Métodos

Para o presente trabalho, a coleta de dados e informações foi realizada através de um levantamento teórico, buscando bibliografia especializada, sob forma de livros, revistas, artigos, reportagens e informações de internet.

O simbolismo que cerca o gato

Os integrantes da família Felidae (Mammalia: Carnivora) são, possivelmente, os mais belos e graciosos de todos os animais (CLUTTON-BROCK, 1997). Tendo surgido há cerca de 25 milhões de anos, estão entre os animais melhor adaptados à predação (DE BECKER, 2008). No norte da África, há cerca de 9.000 a 10.000 anos (VIGNE *et al.*, 2004; BLANCO & AMORIM, 2011), ainda antes da invenção da roda e da escrita, surgiram os primeiros laços afetivos entre homens e gatos. Exemplares de *Felis silvestris lybica* Forster, 1780 provavelmente começaram a se aproximar dos humanos e, aqueles que demonstravam menos medo e eram mais amigáveis, conseguiam mais comida e se reproduziam mais. Nascia assim a forma doméstica, o *Felis silvestris catus* (BLANCO & AMORIM, 2011). Os gatos provavelmente começaram a viver perto de povoações humanas porque era fácil caçar ratos e camundongos (Rodentia: Muridae) que se alimentavam de cereais estocados. Logo, as pessoas perceberam sua utilidade e os encorajaram a ficar (CLUTTON-BROCK, 1997).

A bordo de navios mercantes e expedições colonizadoras, o gato se espalhou pelo mundo (BLANCO & AMORIM, 2011). Desde então, passou progressivamente a ser um dos mais destacados animais de estimação. De personalidade independente, cativante e misteriosa, se tornou animal de companhia em diversos lares ao redor do mundo, para pessoas dos mais diversificados estilos de vida. Atualmente há em torno de 42 milhões de gatos vivendo em lares da Europa (PIERSON *et al.*, 1996). Tudo isso sem perder suas características básicas, pois o comportamento do *F. s. catus* pouco variou em relação ao de seus ancestrais (MONTAGUEET *al.*, 2014), a ponto de EDGAR *et al.* (2007) afirmarem que o gato é o seu dono, não o contrário.

Difícilmente alguém é indiferente ao gato. Em muitos lugares, eles ganharam ares de divindade ou de representantes das trevas. Eram divindades no Antigo Egito, são sagrados no Camboja e em templos budistas do extremo Oriente, e símbolos de sorte no Japão (BLANCO & AMORIM, 2011). Nos últimos 3.000 anos, o gato vem desempenhando um papel importante no folclore de muitos países ao redor do mundo. Coisa que, por exemplo, não acontece tanto com o cão. Dentre as prováveis causas disso, está o fato do gato ser enigmático; de dia é meigo, afetuoso e sonolento, à noite torna-se um caçador eficiente (CLUTTON-BROCK, 1997). Os gatos causaram um profundo impacto na imaginação humana desde que a nossa espécie começou a dar os primeiros passos (SAUNDERS, 1997). Em muitos países da Europa, um número elevado de gatos foi cruelmente assassinado durante a Idade Média, pois se acreditava que eles estivessem ligados à feitiçaria. A partir do ano de 1400, durante cerca de 300 anos, o gato foi considerado um “familiar” de bruxas, seu elo de ligação com o demônio. Acreditava-se também que elas podiam se transmutar em gatos (CLUTTON-BROCK, 1997; SAUNDERS, 1997).

A superstição do gato preto

A crença popular de que os gatos de pelagem preta dão azar surgiu na Europa, durante a Idade Média, quando os hábitos noturnos e a cor escura os associaram às trevas e ao demônio, além da crença que eles seriam bruxas, transmutadas em animais (CLUTTON-BROCK, 1997). Os gatos pretos sempre foram associados a práticas de magia negra (O'CONNELL & AIREY, 2010). Remonta daí a superstição de que cruzar com um gato preto, sobretudo em dias considerados de azar (como uma sexta-feira 13), ou encontrá-los à meia-noite junto a uma encruzilhada, seja sinal de mau presságio. Em alguns lugares de Portugal, curiosamente, se alguém tiver uma maldição em casa e se nessa casa houver um gato preto, o mal vai para o gato (ZACARIAS, 2011). A crença de que gato preto dá azar (ou sorte) variou no decorrer dos séculos, de país a país. Na Grã-Bretanha um gato preto que cruze o caminho de alguém traz sorte, ao passo que nos Estados Unidos só traz sorte se passar por uma casa, mas dá azar se resolver ficar (CLUTTON-BROCK, 1997).

Ainda com relação ao fato deles terem sido considerados “familiares” de bruxas (Figura 1), ou até mesmo bruxas transmutadas, isso foi motivo para que, a partir do século XIII, por 400 anos os gatos pretos terem sido perseguidos (SAYER, 1979). A imagem europeia da bruxa era a de uma mulher de idade avançada e seu gato preto (SAUNDERS, 1997). Curiosamente, o gato da transfiguração da professora Mc Gonagall, da série cinematográfica Harry Potter, é representado como listrado (MENEZES, 2014).



Figura 1. Ilustração, de domínio público, mostrando uma bruxa e seu gato preto, dentro de um círculo de animais e itens de feitiçaria (fonte: Google Imagens).

Em 1484 o Papa Inocêncio VIII incluiu os gatos pretos na lista de hereges perseguidos pela Inquisição. Morreram tantos deles nas fogueiras da Idade Média que os ratos começaram a se multiplicar rapidamente. Por causa das pulgas *Xenopsylla cheopis* (Rothschild, 1903) (Siphonaptera: Pulicidae) que carregavam, e que transmitiam a peste bubônica, a população europeia foi devastada em meados do século XIV. Estima-se que tenham morrido de cerca de 75 milhões de pessoas. Com a escalada da peste, o gato retomou o seu status de controlador de ratos (Fuoco, 2005). Ainda em termos simbólicos, o gato preto era ligado à esperteza maldosa no mundo celta, aos gênios prejudiciais no islamismo e à má sorte no Japão (O'CONNELL & AIREY, 2010).

O gato preto na cultura pop

A admiração que temos para com o gato se reflete nas manifestações culturais, estando ele representado em personagens de grande popularidade, como Jambo, Chuvisco, Olho Vivo, Tom, Manda-Chuva e sua turma, Bacamarte, Frajola, Oliver, Gato de Botas, Garfield, Sagwa e sua família, além dos gatos do desenho “Aristogatas” (LEIVA, 2014). Especificamente os famigerados gatos pretos são pouco representativos (Figura 2). Curiosamente, entretanto, alguns deles são agraciados pela sorte nas histórias das quais participam.

Talvez o primeiro personagem gato preto de popularidade tenha sido o Gato Félix (Felix, The Cat – Pat Sullivan Studios, 1919), criado pelos animadores Otto Messmer e Pat Sullivan. De traços clássicos, Félix é gentil e alegre, possuindo uma característica bolsa mágica, da qual retira objetos que o salvam das mais estranhas situações. No início de sua trajetória, Félix era considerado azarado, só que em suas mais recentes aparições o jogo parece ter virado, com o personagem passando a ser favorecido pela sorte. Sua primeira aparição foi em tirinhas de humor dos jornais, no início do século XX, ainda como um personagem sem nome. Na película “Feline Follies”, de 1919, fez sua estreia em animação. Em 1922, assumiu o protagonismo da série de desenhos animados. Na década de 1960, em uma nova série de animações, apresentou pela primeira vez a sua sacola mágica (LEIVA, 2014).

Outros personagens são humanos, usando vestimentas representativas de gato. Duas muito tradicionais e queridas pelos fãs são a Mulher-Gato (Catwoman – DC Comics, 1940), e a Gata Negra (Black Cat – Marvel Comics, 1979), respectivamente álgter ego das ladras Selina Kyle e Felicia Hardy. Mulheres atraentes, ambas oscilam entre os papéis de vilã e heroína, sendo interesse romântico dos maiores super-heróis das duas grandes editoras estadunidenses de HQs, a DC e a Marvel, respectivamente o Batman e o Homem-Aranha.

Selina Kyle, a Mulher-Gato, foi criada por Bill Finger e Bob Kane, tendo sua primeira aparição em Batman #001 (1940). É uma comissária de bordo que teve amnésia após bater a cabeça, durante um acidente de avião, e se transformou em criminosa. A princípio, a Mulher-Gato era caracterizada trajando um vestido longo na cor roxa, com detalhes em verde. Com o passar do tempo, a roupa foi sendo modernizada, e a personagem passou a usar um collant negro. Com um fraco por joias, Selina é um personagem moralmente ambíguo, geralmente sendo retratada como uma anti-heroína extremamente sensual e sedutora, uma “femme fatale”. Deve-se destacar que, apesar de Selina Kyle ser a Mulher-Gato original, o manto já foi compartilhado por outras personagens da DC Comics (BEATTY *et al.*, 2009).

Felícia Hardy, a Gata Negra, foi criada por Keith Pollard e Marv Wolfman, tendo sua primeira aparição foi em Amazing Spider-Man #194 (1979). Felicia era uma menina de classe alta, com uma mãe extremamente exigente. Quando estava no colégio, sua mãe lhe contou que seu pai havia morrido em um acidente de avião. Certo dia ela encontrou um diário de seu pai na biblioteca da casa

e descobriu que ele era o ladrão conhecido como "O Gato". Com o passar do tempo, Felicia a se sentir cada vez mais atraída pela sensação de perigo e, mesmo sendo rica, decidiu seguir os passos do pai, o que a fez passar a ser perseguida pelo Homem-Aranha. Em uma reviravolta na sua trajetória pessoal, Felicia descobriu que seu pai estava vivo, embora muito doente. Após a real morte do pai, recebeu uma carta do mesmo, na qual ele pedia que ela não continuasse no caminho do crime. A Gata Negra decidiu então mudar de lado, abandonando a vida de roubos e passando a atuar como heroína ou justiceira, trabalhando como detetive particular e se aliando ao Homem-Aranha em diversas ocasiões. Para essa nova etapa, a Gata Negra desejava ter superpoderes, que facilitariam sua atuação. Tentando obtê-los, foi enganada pelo Rei do Crime, que lhe deu, curiosamente, o "poder" de causar azar em quem ela toca e com quem convive, um estigma típico dos gatos pretos. Isso atrapalhou que ela atuasse junto com o Homem-Aranha no combate ao crime. Para conseguir se livrar dessa verdadeira maldição, Felicia recorreu à ajuda do Doutor Estranho, o mago supremo da Marvel (DEFALCO *et al.*, 2009).

Personagem mais recente, dentre os inspirados em gatos pretos, é o Cat Noir (ZagToon, 2015), parceiro da heroína Ladybug, do desenho animado francês "Miraculous – As Aventuras de Ladybug". Nesse desenho, os adolescentes Marinette Dupain-Cheng e Adrien Agreste se transformam, respectivamente, em Ladybug e Cat Noir para combater o crime em Paris (BINOIST, 2015; MARTINS, 2015). Nas histórias, há interessantíssimos simbolismos animais, a começar pelos protagonistas: uma "joaninha" (símbolo de sorte) e um "gato preto" (símbolo de azar). Ter sorte, por sinal, é um dos principais poderes de Ladybug, mas Cat Noir não tem qualquer ligação com o azar. Muito pelo contrário, ele acaba sendo beneficiado pela sorte da parceira. O principal antagonista da dupla de heróis é o vilânico Hawk Moth. Ele lança borboletas escuras que se incorporam a objetos, os quais influenciam pessoas normais, que ganham poderes e ficam sob o domínio mental de Hawk Moth. Impreterivelmente, ao final de cada episódio, a borboleta escura é capturada, sua maldade é dissipada (sob a simbólica transmutação em borboleta branca) e a pessoa fica livre do controle mental de Hawk Moth.



Figura 2. Personagens da cultura pop inspirados no gato preto. A partir da esquerda: Gato Félix, Mulher-Gato, Gata Negra e Cat Noir (fonte: Google Imagens). Interessantemente, os personagens humanos com vestimentas de gato usam objetos com forma e movimentação que lembram a cauda de um gato real, o chicote (Mulher-Gato e Gata Negra) e o cinto (Cat Noir).

Considerações Finais

Os animais têm aspectos simbólicos interessantes que, muitas vezes, variam ao longo do tempo e nas diferentes civilizações. No Egito Antigo, por exemplo, os gatos eram admirados e venerados como deuses. Na Europa medieval, ao contrário, eram compreendidos como a representação simbólica do mal e a sua perseguição e morte eram comuns. Contudo, durante as Cruzadas, o gato foi novamente aceito dentro da sociedade europeia, por conta de seu valor utilitário como caçador de ratos transmissores de doenças. Na Idade Moderna, os gatos voltaram a ser perseguidos, repetindo a percepção simbólica negativa que lhes era atribuída na Idade Média. É interessante se perceber que esse simbolismo oscilante - ora positivo, ora negativo - se repetiu. Excluindo as justificativas místicas e/ou fantasiosas, alguns comportamentos do *Felis silvestris catus* parecem ter despertado o amor/ódio dos seres humanos, dentro de diferentes contextos culturais. Alguns dos comportamentos aprovados seriam a autolimpeza, representativa de higiene, e a independência, ao passo que o espírito caçador dos bichanos é normalmente reprovado popularmente (PAIXÃO & MACHADO, 2015).

Em países com forte influência do misticismo, como o Brasil, as representações simbólicas tendem a ser mais efetivas. Somos um povo miscigenado, formado pelo acúmulo de lendas e saberes de índios autóctones, portugueses, africanos, imigrantes eurásianos. A religiosidade e a crença no sobrenatural estão em nosso DNA. Nesse cenário, lendas, contos e superstições encontram um terreno fértil para a sua perpetuação. Ainda hoje em dia, e mesmo em núcleos urbanos, onde as lendas parecem “coisas da vovó”, há pessoas que não passam por baixo da escada ou não deixam o chinelo virado (para a mãe não “morrer”). E, claro, acreditam que se encontrarem um gato preto terão azar. Com isso, em períodos em que o misticismo fica em alta, como o Dia das Bruxas, o Dia de Finados e as sextas-feiras 13, há quem se sinta estimulado a exercitar sua maldade pessoal, judiando dos felinos azarados que lhe cruzam o caminho. Isso motiva a existência de campanhas que visam combater essa atrocidade (Figura 3). A existência de personagens fictícios voltados ao público infante-juvenil pode ser um caminho interessante para se desmistificar crendices e superstições, especialmente aquelas que causam danos aos animais. Ainda especificamente no caso dos gatos pretos, personagens queridos pelo público, populares e que não deem “azar” podem ser instrumentos úteis para se banir superstições diretamente para o lugar ao qual elas pertencem: o mundo das lendas e do imaginário.

AZAR MESMO É CRUZAR COM UM HUMANO IGNORANTE



Figura 3. Ilustração de campanha de Facebook (fonte: Google Imagens).

Referências

- BARCALA, V. 2016. **Superstições e crendices**. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/supersti%C3%A7%C3%B5es-e-crendices-vanderlei-barcala>. Acesso em: 29 de agosto de 2016.
- BEATTY, S.; GREENBERGER, R.; JIMINEZ, P.; WALLACE, D. 2009. **The DC Comics Encyclopedia – The definitive guide to the characters of the DC Universe – Updated and expanded**. DK, London.
- BINOIST, A. 2015. **Miraculous. Les aventures de Ladybug et Chat Noir**. Zag Inc., Paris.
- BLANCO, G.; AMORIM, C. 2011. Sagrados e malditos. In: Blanco, G. (ed.) - **O livro dos gatos**. Abril, São Paulo.
- CLUTTON-BROCK, J. 1997. **Felinos**. Aventura Visual. Globo, Rio de Janeiro.
- CORREARD, L.C. 2010. **Libélulas: incríveis dragões**. Edição do autor.
- DE BECKER, G. 2008. **Felinos – O mundo fascinante dos animais**. Girassol Brasil Edições, Barueri.
- DEFALCO, T.; SANDERSON, P.; BREVOORT, T.; TEITELBAUM, M.; WALLACE, D.; DARLING, A.; FORBECK, M. 2009. **The Marvel encyclopedia. Updated and expanded**. DK, London.
- EDGAR, J.; RESEN, R.D.; PRICHETT, H.; BATTLES, R. 2007. **Bad cat**. Prestígio Editorial, Rio de Janeiro.
- FELTRIN, R. 2016. A importância do planejamento sucessório. **Revista O Empresário** 8(47): 59.
- FUOCO, L. 2005. Era uma vez... In: Monta, B. (ed.) - **Bichos em casa especial – Almanaque de gatos e raças 2005**. On Line, São Paulo.
- GUERREIRO, J.C. 2004. A importância das joaninhas no controle biológico de pragas no Brasil e no mundo. **Revista Científica Eletrônica de Agronomia** 3(5): 1-3.
- KNIGHT, M.J. 2008. **Vampyro – O terrível diário perdido do Dr. Cornélius Van Helsing**. Novo Século, Osasco.
- LEIVA, A. 2014. **Almanaque ilustrado do desenho animado na TV**. Discovery Publicações, São Paulo.
- MARCELIANO, M.L.V. 1988. **Aves da Amazônia para você colorir**. Vol. 3. Série Infantil. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 41 p.
- MARTINS, M. 2015. Cupido negro. **Miraculous – Revista de História** 1(1): 1-24.
- MENEZES, C.D. 2014. **Os animais presentes na saga Harry Potter do cinema: análise à luz da Zoologia**. Monografia, Bacharelado em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- MONTAGUE, M.J.; LI, G.; GANDOLFI, B.; KHAN, R.; AKEN, B.L.; SEARLE, S.M.J.; MINX, P.; HILLIER, L.W.; KOBOLDT, D.C.; DAVIS, B.W.; DRISCOLL, C.A.; BARR, C.S.; BLACKSTONE, K.; QUILIZ, J.; LORENTE-GALDOS, B.; MARQUES-B, T.; ALKAN, C.; THOMAS, G.W.C.; HAHN, M.W.; MENOTTI-RAYMOND, M.; O'BRIEN, S.J.; WILSON, R.K.; LYONS, L.A.; MURPHY, W.J.; WARREN, W.C. 2014. Comparative analysis of the domestic cat genome reveals genetic signatures underlying feline biology and domestication. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America** 111 (48): 17230–17235.
- O'CONNELL, M.; AIREY, R. 2010. **Almanaque ilustrado – Símbolos**. Livros Escala, São Paulo.

- OVERAL, W.L.; PIMENTEL, T.J.; MASCARENHAS, B.M.; OVERAL, G.V. 1995. **Para você colorir: insetos da Amazônia - Série Infantil**. Museu Paraense Emilio Goeldi, Belém.
- PAIXÃO, R.L.; MACHADO, J.C. 2015. Conexões entre o comportamento do gato doméstico e casos de maus-tratos, abandono e não adoção. **Revista Brasileira de Direito Animal** 20: 137-168.
- PIERSON, P.; BIOURGE, V.; BOURRAT, P.; BRUGUIÈRE, M.; BENET, C.; CRÉPON, F.; GARCIA, C.; LAJAUNIE, E.; MAURIN, S. 1996. **O livro do gato**. Royal Canin do Brasil, Descalvado.
- PINTO, A. 2011. **Eu amo gatos – Com imagens de Catherine Ledner, Rachel McKenna & Glandee Vasan**. Alles Trade, São Paulo.
- RIBEIRO, P.S. 2002. **Folclore: similaridade nos países do Mercosul**. Lendas, mitos religiosidades, medicina e crenças do povo. Martins Livreiro, Porto Alegre.
- SANTOS, C.A.B.; FLORÊNCIO, R.R.; SILVA, F.S.; SANTOS, M.A.B. 2015. Do mau agouro à arte: a coruja no imaginário popular. **Revista de Educação do IDEAU** 10(22): 1-13.
- SAUNDERS, N.J. 1997. **O culto ao gato**. Del Prado, Madrid.
- SAYER, A. 1979. **The encyclopedia of the cat**. Octopus Books, London.
- VIGNE, J.D.; GUILAINE, J.; DEBUE, K.; HAYE, L.; GÉRARD, P. 2004. Early taming of the cat in Cyprus. **Science** 304 (5668): 259.
- ZACARIAS, F. 2011. **Mitos, crenças e superstições no Concelho de Faro**. Departamento de Cultura, Divisão de Museus, Arqueologia e Restauro. Disponível em: http://cms.cm-faro.pt/upload_files/client_id_1/website_id_1/museu/projetos/Mitos,%20crencas%20e%20supersticoes%20no%20Concelho%20de%20Faro.pdf. Acesso em: 29 de agosto de 2016.



Gato preto não dá azar



Como a cultura pop pode ajudar a quebrar crendices populares

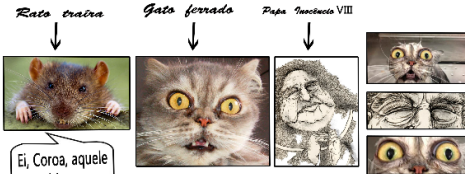
Elidiomar Ribeiro Da-Silva



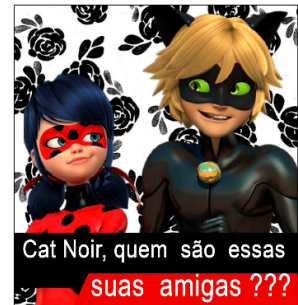
Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, UNIRIO
 Contato: elidiomar@gmail.com



A crendice de que os gatos pretos dão azar surgiu na Europa, na Idade Média, quando os hábitos noturnos e a pelagem escura os associaram ao demônio e às bruxas. O papa Inocêncio VIII autorizou que os gatos fossem perseguidos e queimados pela Inquisição. Isso foi responsável pela proliferação de ratos, hospedeiros da pulga que transmite o agente da peste negra. Morreram 75 milhões de europeus vitimados pela peste.



Classe: Mammalia
 Ordem: Carnivora
 Família: Felidae
 Gênero: *Felis* Linnaeus, 1758
 Espécie: *Felis silvestris* Linnaeus, 1758
 Subespécie: *Felis silvestris catus* Linnaeus, 1758



São poucos os personagens da cultura pop inspirados no gato preto. O Gato Félix (1) é gentil e alegre, portando uma característica bolsa mágica, da qual retira objetos que o salvam nas mais estranhas situações. No início de sua trajetória, Félix era azarado, só que nas aparições mais recentes o personagem passou a ter muita sorte. Os outros personagens a serem mencionados são humanos usando vestimentas de gato. Duas muito tradicionais e queridas pelos fãs são a Mulher-Gato (2) e a Gata Negra (3), respectivamente alter ego das ladras Selina Kyle e Felicia Hardy. Mulheres atraentes, ambas oscilam entre os papéis de vilã e heroína. Cat Noir (4) é parceiro da heroína Ladybug, do desenho *Miraculous – As Aventuras de Ladybug*. Marinette Dupain-Cheng e Adrien Agreste se transformam em Ladybug e Cat Noir para combater o crime em Paris. Há interessantes simbolismos zoológicos, os protagonistas são uma "joaninha" (símbolo de sorte) e um "gato preto" (símbolo de azar).

AZAR MESMO É CRUZAR COM UM HUMANO IGNORANTE



A existência de personagens fictícios voltados ao público infanto-juvenil pode ser um caminho interessante para se desmistificar crendices e superstições, especialmente aquelas que causam algum tipo de dano aos animais.



(Entendedores entenderão)

Pôster apresentado no I Colóquio de Zoologia Cultural.